Fábula n.º 14 — «Quando se imita com juízo, então não é de admirar»

Quando se imita com juízo, não é de espantar
Que se tire proveito disso;
Mas imitar sem juízo,
E Deus nos livre, quão mau é!
Vou dar um exemplo disso de terras distantes.
Quem viu Macacos, esses sabem
Como avidamente tudo imitam.
Assim, em África, onde há muitos Macacos,
Uma tropa inteira estava sentada
Pelos galhos, pelas ramagens de uma árvore densa
E espreitava furtivamente o caçador,
Como ele rolava pelo relvado nas redes.
Cada amiga dava aqui um cutucão discreto à amiga,
E todas sussurravam umas às outras:
«Olhem para o atrevido;
As suas invenções, de facto, não têm fim:
Ora faz uma cambalhota,
Ora desdobra-se,
Ora todo em bola
Ele se recolhe,
Que não se lhe veem mãos nem pés.
Nós que somos mestras em tudo,
E esta arte não a temos!
Belas irmãs!
Não seria mau imitarmos-lhe isto.
Ele, parece, já se divertiu bastante;
Talvez vá embora, e então nós logo…» Ei-lo,
Ele foi-se de facto e deixou-lhes as redes.
«E então», dizem elas: «vamos perder tempo?
Vamos tentar!»
As belas desceram. Para os caros hóspedes
Estavam lá embaixo estendidas muitísimas redes.
Pois nelas põem-se a fazer cambalhotas, a rolar,
E a embrulhar-se, e a encaracolar-se;
Gritam, guincham — alegria do melhor!

Mas eis a desgraça,
Quando chegou a hora de se arrancarem da rede!
Entretanto o dono vigiava
E, vendo que era hora, vai ter com os hóspedes com os sacos,
Elas, para fugirem,
Mas já ninguém se conseguia desembaraçar:
E apanhou-as todas com as mãos.